

Bibliotecas comunitárias: o foco na promoção da cultura

Community libraries focus on promoting culture

Melissa Silva

Discente da Faculdade de Biblioteconomia
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
melissa.s@puccampinas.edu.br

Resumo

O presente artigo propõe um olhar preliminar para a questão das bibliotecas comunitárias destinadas a população em situação de vulnerabilidade, 43 atuantes como profissionais do sexo na região metropolitana de Campinas interior de São Paulo. A partir de um olhar de inclusão e promoção da leitura embasados em referenciais teóricos e levando em conta o juramento do profissional bibliotecário proponho uma nova perspectiva para a biblioteca comunitária onde o foco seja na transformação e atualização constante do ser humano.

Palavras-chave: Biblioteca comunitária; Leitura; Transformação sociocultural; Inclusão; Transexuais.

Abstract

This paper proposes a preliminary look at the issue of community libraries for the vulnerable population, working as sex workers in the metropolitan region of Campinas, interior of São Paulo. From a look of inclusion and promotion of reading based on theoretical references and taking into account the oath of the librarian, a new perspective is proposed for the community library where the focus is on the transformation and constant updating of the human being.

Keywords: Community library; Reading; Sociocultural transformation; Inclusion; Transsexuals.

Introdução

O conceito de biblioteca comunitária, vem sendo confundido e atribuído com o passar do tempo as bibliotecas públicas, municipais e em alguns casos até as universitárias. O que determina se uma biblioteca é comunitária, é a grande atividade junto à comunidade a qual está inserida, e na maioria das ocasiões sem o vínculo direto com os governos municipais, estaduais ou nacionais. Na maioria dos casos são mantidas por organizações não governamentais e pela população local. Raramente uma biblioteca surge sem aplicação estratégica no contexto comunitário, as investigadas estão ligadas a toda estrutura da comunidade e o espaço se torna centro comunitário por agregar serviços assistenciais incluindo cursos de capacitação para o mercado de trabalho, oficinas de leitura e podem atender a várias faixas etárias.

O termo já foi empregado na Irlanda ao que hoje denominamos clube do livro onde cada membro faz uma contribuição ou paga uma taxa pré-estabelecida. A questão do termo se torna necessária para um enquadramento específico na sociedade, onde cada um tem o seu papel. No Brasil o termo é utilizado pela primeira vez na literatura, por Carminda de Castro Ferreira em 1978 (JUNIOR, 1997 apud MACHADO, 2009, p. 82).

Segundo indicado por Gilda Verri (1996, apud MACHADO, 2009, p.87) "A ideia e criação de bibliotecas populares, foi um projeto político das elites brasileiras, fortemente vinculado a concepção da educação popular da década de 1920 [...]".

Pensando a biblioteca comunitária sem as conotações da ciência da informação e a biblioteconomia, passamos a enxergar uma biblioteca mais maleável, com horários flexíveis e sem a rigidez das bibliotecas públicas e acadêmicas, com um acervo diferenciado e com o foco na inserção do hábito da leitura.

Vale ressaltar também que implementar projetos de doações de livros, como acontece na região do Jardim Itatinga em Campinas no interior de São Paulo por organizações religiosas para as profissionais do sexo, também promovem o hábito de ler e conseqüentemente a inclusão, mesmo tendo como foco objetivos que vão além da promoção da leitura e propõe pelo viés religioso a conversão.

A biblioteca comunitária nasce com o perfil agregador, junto aos hábitos e conceitos do indivíduo, ONG ou comunidade que a cria, mas sempre com o foco na promoção da leitura e do conhecimento compartilhado, na troca e na valorização da experiência.

O caráter social dessas bibliotecas está sempre em agregar conhecimento e diminuir a margem de exclusão da comunidade atendida, muito próximo a concepção das outras denominações de bibliotecas, mas o

eixo principal é que as bibliotecas são criadas pela comunidade e para a própria comunidade.

Essas bibliotecas se caracterizam por terem equipes autônomas e colaborativas absorvendo membros da própria comunidade em uma hierarquia flexível. Nutrindo um conceito além da identificação de sentimentos e significados, essas bibliotecas fazem transparecer e demonstram a ideologia da própria comunidade.

Discussão com exemplos regionais

Segundo a assessoria do município de Campinas, no ano de 2017 através de parcerias entre o governo municipal, a CPFL Energia e o grupo Ecofuturo seria implantada no Parque Oziel a biblioteca comunitária na EMEF Oziel Alves Pereira, um projeto que absorve a população local e vai ao encontro das necessidades identificadas em pesquisas prévias, além de oferecer formação de auxiliar de biblioteca e promotores de leitura para a comunidade com o foco na promoção e universalização da leitura como agente transformador (ASSESSORIA DE IMPRENSA, COMPANHIA PAULISTA DE FORÇA E LUZ ENERGIA, 2017).

As bibliotecas comunitárias, além de disseminar o acesso à informação, a arte e a cultura têm projetos de estudo, redação e integração dos usuários com o hábito de ler, tentando assim construir um novo paradigma em um país que tem cerca de 400 anos de defasagem literária.

Outra bandeira que a biblioteca comunitária levanta é o cumprimento do artigo 215 da constituição brasileira, disseminando e promovendo o acesso à cultura junto a população local (SALCEDO, ALVES, 2015).

Essa maneira informal de disseminar a cultura e o hábito de ler, transforma a vida da comunidade local, seja em Recife ou São Paulo, esses projetos tiram as crianças das ruas e promovem uma absorção maior de conhecimento, porém de uma forma mais agradável e tranquila, em que acima de tudo se cultiva o prazer no hábito da leitura.

Esses centros comunitários levam a um novo olhar do cidadão sobre a literatura, inúmeros benefícios são alcançados pois normalmente aliadas a esses projetos estão outros de inclusão da sociedade marginalizada, alguns centros oferecem cursos de artes, música, artesanatos e proporcionam a convivência com diferentes formas de expressão, contribuindo assim na formação de cidadãos mais cultos e tolerantes (SALCEDO, ALVES, 2015).

Outro caso interessante é quando crianças que frequentam bibliotecas comunitárias conseguem levar o hábito de ler para dentro de casa e assim acabam proporcionando aos pais um retorno à educação e instrução, em que mesmo sendo informais lançam sementes.

Através das pesquisas feitas e analisadas, o que ficou claro é que as bibliotecas comunitárias estão sempre atreladas a centros sociais de promoção e inclusão do cidadão com o foco em proporcionar a formação de pessoas mais humanas e com boas práticas de leitura, escrita e apreciação da arte. Como é o caso do centro assistencial Romília Maria, localizado na região sul de Campinas no interior do estado de São Paulo com quase três décadas de funcionamento. Além de projetos de promoção à comunidade o centro conta com uma biblioteca classificada como pública e constante no site do município.

Conclusão

Após esta pesquisa identificou-se que a força principal nesse tipo de ação é a humana, em que o desejo de promover a leitura como agente transformador sempre parte de uma pessoa física. O caminho desde a ideia inicial até a implantação concreta da biblioteca com uma sede é longo e muitas vezes tortuoso, mas a biblioteca comunitária tem como cerne o informal e o colaborativo, então ela já existe durante todo o trajeto, pois vai se adequando aos espaços disponíveis.

Durante a pesquisa feita com 40 travestis profissionais do sexo residentes no bairro Jardim Itatinga na cidade de Campinas no interior de São Paulo, sobre bibliotecas comunitárias, centros de inclusão e fomento a leitura nos dias 14 e 15 de novembro de 2017, foi identificado que a maioria tem conhecimento sobre prevenção e saúde, mas que uma biblioteca com esses temas as ajudaria muito.

Identificou-se também que o foco maior seria em livros que as fizessem sonhar com uma realidade melhor, entrando assim na lista livros que falam sobre autoajuda, romances e biografias de pessoas de sucesso. Livros com uma escrita intuitiva dispendo de vocabulário pouco rebuscado, e de tamanhos pequenos também estão entre os apontados, pois segundo a pesquisa muitas se assustam com livros grandes e palavras mais rebuscadas, perdendo de imediato o interesse pela leitura.

Outro ponto importante abordado foi à necessidade de bibliotecas que funcionem a noite e bibliotecas itinerantes no mesmo período e sem nenhum cunho religioso, livros com temáticas religiosas foram os mais criticados, por denotarem exclusão das mesmas, mesmo com a intenção reversa. Sendo assim fica claro que a maioria gosta de ler e que uma biblioteca implantada nesse local as ajudaria muito, promovendo assim até uma melhoria na qualidade de vida e a possibilidade que muitas consigam voltar ao ensino básico, e que talvez futuramente ingressem em universidades.

A implantação da biblioteca comunitária para as transexuais e profissionais do sexo no Jardim Itatinga já está sendo pensada junto com

as entrevistadas e com a possível implantação inicial prevista para janeiro de 2018. Está sendo desenvolvido o recebimento de doações dos livros mais solicitados como informado anteriormente, pois o interesse também se estende a livros pequenos estilo Pocket que possam caber em bolsas para uma rápida leitura no tempo livre.

Executar o papel social do bibliotecário como difusor da cultura, é conseguir driblar os empecilhos que as formalidades do curso e da legislação nos colocam, adequando a nossa formação a necessidade de uma comunidade em desenvolvimento social, fazendo aquela biblioteca acontecer, usando assim o conhecimento adquirido em favor do próximo e da promoção da cultura.

Bibliotecas comunitárias são fundamentais para a formação de uma população com pensamentos críticos. A crescente, porém pequena instalação dessas bibliotecas e pontos de leitura em favelas, presídios e comunidades estrangeiras irá conceder além do gosto pela leitura a formação de novos cidadãos, aumentando a capacidade do senso crítico em sua opinião, e ainda proporciona uma melhor aprendizagem do nosso idioma facilitando assim a comunicação e o relacionamento entre pessoas.

A biblioteca comunitária deve ir ao encontro das necessidades do cidadão como já foi citado anteriormente, atendendo também outras questões sociais como a alimentação e um espaço tranquilo sem violência para se conviver e ler. O cenário onde as travestis e profissionais do sexo estão, é marcado pela violência seja ela de qual tipo for e pela carência quase total de víveres básicos.

A biblioteca sozinha composta apenas por estantes, livros e bibliotecário não pode fazer muito, porém se aliada a centros assistenciais e a outras atividades pedagógicas com a inserção dos membros da comunidade talvez ela alcance sucesso, por que afinal ninguém consegue se dedicar a leitura e aos estudos com uma barriga vazia e com a cabeça cheia de problemas.

Defendo ainda que esses centros contem com profissionais da área psicológica para conseguir entenderem os problemas e questões da comunidade, sugerindo assim alguns títulos e formas de aprendizagem que melhor se encaixem na mesma.

Levar em conta à situação da comunidade, o perfil dos moradores, a realidade vigente e fazer parcerias com centros assistenciais são os caminhos iniciais para quem quer abrir a sua biblioteca comunitária, o caminho não será fácil como mostrado aqui, porém com alguns anos de lutas e as parcerias corretas ele acontecerá e dará frutos.

Estudar, ler, pesquisar e falar sobre bibliotecas comunitárias também é o caminho, sempre trazer este assunto como agente de inclusão do ser humano promovendo assim mais uma vez a cultura e o desenvolvimento social.

Referências

ASSESSORIA DE IMPRENSA. **CPFL Energia e Instituto Ecofuturo avançam na implantação de Biblioteca Comunitária em Campinas.** 2017. Disponível em: <https://www.cpfl.com.br/releases/Paginas/cpfl-energia-e-instituto-ecofuturo-avancam-na-implantacao-de-biblioteca-comunitaria-em-campinas.aspx>. Acesso em: 02 nov. 2017.

Bibliotecas comunitárias ajudam bairros com poucas opções culturais. [S.l.:s.n], 2016. 1 vídeo (3:30 minutos). Publicado pelo canal TV CAMARA SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-evQ8yv5UY>. Acesso em: 03 nov. 2017

COELHO, Clara Duarte; BORTOLIN, Sueli. **A produção científica sobre bibliotecas comunitárias nos periódicos da ciência da informação.** 2017. Disponível em: www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/442/266. Acesso em: 03 nov. 2017.

ECOFUTURO. **Bibliotecas Comunitárias.** 1999. Disponível em: <http://www.ecofuturo.org.br/blog/projeto/bibliotecas-comunitarias/etapas/>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MACHADO, Elisa Campos. **Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 7, n. 1, p.80-94, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 02 nov. 2017.

PRADO, Geraldo Moreira. **Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças.** Datagramazero - Revista de Ciência da Informação, [s. L.], v. 10, n. 6, p.1-4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/26446>. Acesso em: 02 nov. 2017.

Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC. [S.l.:s.n], 2017. 1 vídeo (2:01 minutos). Publicado pelo canal RNBC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXPpy--cffLI>. Acesso em: 03 nov. 2017.

SALCEDO, Diego Andres; ALVES, Mariana. O PAPEL DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 13, n. 3, p.561-578, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8635770/8228>. Acesso em: 02 nov. 2017.